

**OTOLOGIA DE CÃES E GATOS: REVISÃO DE LITERATURA*****OTOLOGY IN DOGS AND CATS: A LITERATURE REVIEW***

¹Júlia Imbrizi Dutra; ¹Maria Eduarda Kanno Cardoso Bueno; ²Sávio Tadeu Almeida Júnior

RESUMO

A otologia veterinária constitui uma área de grande relevância na clínica de pequenos animais, uma vez que as afecções auriculares estão entre as principais causas de atendimento em cães e gatos. Dentre essas enfermidades, a otite destaca-se por sua elevada frequência, podendo representar entre 10% e 20% dos casos atendidos na rotina clínica, além de impactar significativamente o bem-estar e a qualidade de vida dos animais acometidos. A otite é caracterizada como um processo inflamatório que pode acometer diferentes porções do ouvido, sendo classificada em otite externa, média ou interna, conforme a localização da lesão. Sua etiologia é considerada multifatorial, envolvendo a interação entre fatores primários, como alergias e parasitas, fatores secundários, como infecções bacterianas e fúngicas, além de fatores predisponentes e perpetuantes que favorecem a instalação e a recorrência da doença. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca da otologia em cães e gatos, abordando aspectos relacionados à anatomia do ouvido, classificação das otites, etiologia, fisiopatologia, sinais clínicos, métodos diagnósticos e opções terapêuticas, visando contribuir para o melhor entendimento dessas afecções na prática clínica veterinária.

Palavras-chave: Ouvido, otites, clínica veterinária.

ABSTRACT

Veterinary otology is a highly relevant area in small animal practice, as ear disorders are among the leading reasons for veterinary consultations for dogs and cats. Among these conditions, otitis stands out due to its high prevalence—accounting for 10% to 20% of cases in routine clinical practice—and its significant impact on the welfare and quality of life of affected animals. Otitis is defined as an inflammatory process that can affect different parts of the ear; it is classified as otitis externa, media, or interna, depending on the location of the lesion. Its etiology is multifactorial, involving the interplay of primary factors (such as allergies and parasites), secondary factors (such as bacterial and fungal infections), and predisposing and perpetuating factors that facilitate the onset and recurrence of the disease. Accordingly, this chapter aims to review the literature on otology in dogs and cats, covering ear anatomy, otitis classification, etiology, pathophysiology, clinical signs, diagnostic methods, and therapeutic

¹ Graduandos do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS MG);

² Professor e Coordenador do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS MG). savio.junior@unis.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-1037-4765>

options, with the goal of contributing to a better understanding of these conditions in veterinary clinical practice.

Keywords: Ear, otitis, veterinary practice.

1 INTRODUÇÃO

A otologia veterinária constitui uma área de grande relevância na clínica de pequenos animais, uma vez que as afecções auriculares estão entre as principais causas de atendimento em cães e gatos. Dentre essas enfermidades, a otite destaca-se por sua elevada frequência, podendo representar entre 10% e 20% dos casos atendidos na rotina clínica, além de impactar significativamente o bem-estar e a qualidade de vida dos animais acometidos (SOUZA et al., 2020).

A otite é caracterizada como um processo inflamatório que pode acometer diferentes porções do ouvido, sendo classificada em otite externa, média ou interna, conforme a localização da lesão. Sua etiologia é considerada multifatorial, envolvendo a interação entre fatores primários, como alergias e parasitas, fatores secundários, como infecções bacterianas e fúngicas, além de fatores predisponentes e perpetuantes que favorecem a instalação e a recorrência da doença (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Além disso, fatores ambientais e de manejo, como umidade excessiva, higienização inadequada e conformação anatômica das orelhas, podem contribuir significativamente para o desenvolvimento das afecções otológicas. Tais fatores favorecem a alteração do microambiente do canal auditivo, tornando-o propício à proliferação de microrganismos oportunistas (MARTINS et al., 2021).

A complexidade dessa enfermidade torna o diagnóstico e o tratamento desafiadores, exigindo do médico veterinário uma abordagem criteriosa baseada na identificação da causa primária e na avaliação adequada das alterações clínicas e laboratoriais. Nesse contexto, a semiologia do sistema auditivo desempenha papel fundamental, permitindo a coleta de informações essenciais por meio da anamnese, exame físico, otoscopia e exames complementares (SANTOS, 2016).

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo realizar uma revisão de literatura acerca da otologia em cães e gatos, abordando aspectos relacionados à anatomia do ouvido, classificação das otites, etiologia, fisiopatologia, sinais clínicos, métodos diagnósticos e opções terapêuticas, visando contribuir para o melhor entendimento dessas afecções na prática clínica veterinária.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 ANATOMIA DA ORELHA

O sistema auditivo de cães e gatos é dividido em três regiões anatômicas principais: orelha externa, orelha média e orelha interna, cada uma desempenhando funções específicas

relacionadas à audição e ao equilíbrio. O conhecimento dessas estruturas é essencial para a compreensão das afecções otológicas e para a correta interpretação dos sinais clínicos apresentados pelos pacientes (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

De acordo com Harvey e Haar (2017), as orelhas externa e média constituem o sistema responsável pela condução das ondas sonoras, enquanto a orelha interna está relacionada às funções auditivas e ao equilíbrio. Dessa forma, o ouvido exerce papel fundamental na captação dos estímulos sonoros e na sua conversão em impulsos nervosos, os quais são interpretados pelo sistema nervoso.

2.1.1 Orelha externa

A orelha externa é a porção inicial do sistema auditivo, sendo composta pelo pavilhão auricular e pelo canal auditivo externo. Sua principal função é captar as ondas sonoras do ambiente e conduzi-las até a membrana timpânica. O pavilhão auricular atua como uma estrutura coletora, auxiliando na localização e direcionamento dos sons (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

O canal auditivo externo dos cães apresenta formato característico em “L”, sendo dividido em porção vertical e horizontal. Essa conformação anatômica, embora funcional, dificulta a ventilação e favorece o acúmulo de cerúmen, umidade e detritos, criando um ambiente propício para o desenvolvimento de microrganismos (SOUZA et al., 2020).

Além disso, fatores como presença de pelos, glândulas ceruminosas ativas e características raciais, como orelhas pendulares, contribuem para a retenção de umidade e aumento da temperatura local, favorecendo a ocorrência de otites externas (MARTINS et al., 2021).

A orelha externa também possui importante função de proteção, impedindo a entrada de partículas e agentes externos no sistema auditivo. No entanto, alterações nessa região, como inflamações, hiperplasia e produção excessiva de cerúmen, podem comprometer sua função e favorecer o desenvolvimento de processos patológicos (OLIVEIRA; SILVA, 2023).



Anatomia da orelha **externa** em **cão**. Fonte: Adaptado de: DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. *Tratado de anatomia veterinária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.

2.1.2 Orelha média

A orelha média é delimitada lateralmente pela membrana timpânica e medialmente pela orelha interna, sendo constituída principalmente pela bula timpânica, uma cavidade óssea que abriga os ossículos auditivos: martelo, bigorna e estribo. Esses ossículos são responsáveis pela transmissão e amplificação das vibrações sonoras provenientes da orelha externa até a orelha interna (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A membrana timpânica desempenha papel fundamental nesse processo, convertendo as ondas sonoras em vibrações mecânicas. Qualquer alteração nessa estrutura, como espessamento, ruptura ou inflamação, pode comprometer a condução do som e resultar em prejuízo auditivo (SOUZA et al., 2020).

A orelha média também se comunica com a nasofaringe por meio da tuba auditiva, estrutura responsável pela equalização da pressão interna. Alterações nessa comunicação podem favorecer a entrada de agentes infecciosos, contribuindo para o desenvolvimento de otites médias (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Clinicamente, a orelha média assume grande importância, uma vez que a progressão de otites externas não tratadas pode levar ao comprometimento dessa região. Nesses casos, pode ocorrer acúmulo de exsudato na bula timpânica, dor intensa e agravamento do quadro clínico (SOUZA et al., 2020).



Anatomia da orelha **média** em **cão**. Fonte: Adaptado de: DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. *Tratado de anatomia veterinária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.

2.1.3 Orelha interna

A orelha interna é a porção mais profunda do sistema auditivo, sendo responsável pelas funções de audição e equilíbrio. É composta por estruturas complexas, como a cóclea, relacionada à percepção auditiva, e o aparelho vestibular, responsável pela manutenção do equilíbrio e da orientação espacial do animal (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

De acordo com Harvey e Haar (2017), a orelha interna desempenha papel essencial na transformação dos estímulos mecânicos em impulsos nervosos, os quais são transmitidos ao sistema nervoso central para interpretação. Dessa forma, alterações nessa região podem resultar não apenas em perda auditiva, mas também em distúrbios neurológicos.

O aparelho vestibular é responsável pela detecção de movimentos e pela manutenção da postura corporal. Lesões nessa estrutura podem levar a sinais clínicos característicos, como inclinação da cabeça, ataxia, nistagmo e perda de equilíbrio (SOUZA et al., 2020).

A orelha interna é menos frequentemente acometida quando comparada à orelha externa, porém sua alteração geralmente está associada a quadros mais graves, muitas vezes decorrentes da progressão de otites médias. Nessas situações, o prognóstico tende a ser mais reservado, exigindo intervenção rápida e adequada (OLIVEIRA; SILVA, 2023).



Anatomia da orelha **interna** em **cão**. Fonte: Adaptado de: DYCE, K. M.; SACK, W. O.; WENSING, C. J. G. *Tratado de anatomia veterinária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.

2.2 CLASSIFICAÇÃO DAS OTITES

As otites em cães e gatos podem ser classificadas de acordo com diferentes critérios, sendo o mais utilizado aquele baseado na localização anatômica da inflamação. Dessa forma, são divididas em otite externa, média e interna. Essa classificação é fundamental para o estabelecimento do diagnóstico, definição do prognóstico e escolha da abordagem terapêutica mais adequada (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A otite externa é a forma mais frequente na rotina clínica, caracterizando-se pela inflamação do canal auditivo externo. Essa condição está frequentemente associada a fatores primários, como alergias e ectoparasitas, bem como à presença de microrganismos oportunistas. Os sinais clínicos incluem prurido, meneios cefálicos, dor, eritema, edema e presença de secreção auricular, podendo variar em intensidade conforme a evolução do quadro (SOUZA et al., 2020).

A otite externa pode ainda ser classificada quanto à sua duração e evolução em aguda ou crônica. Nos casos agudos, os sinais clínicos tendem a ser mais intensos, porém de curta duração. Já nos quadros crônicos, observa-se espessamento do canal auditivo, hiperplasia das glândulas ceruminosas e, em alguns casos, estenose do conduto, o que dificulta a resolução do processo inflamatório e favorece recidivas (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A otite média ocorre quando o processo inflamatório se estende para a orelha média, geralmente como consequência da progressão de uma otite externa não tratada ou inadequadamente manejada. Nesses casos, pode haver ruptura da membrana timpânica e acúmulo de exsudato na bula timpânica. Os sinais clínicos podem incluir dor intensa,

sensibilidade à manipulação e, eventualmente, sinais neurológicos discretos (SOUZA et al., 2020).

Além disso, a otite média pode se apresentar de forma subclínica em alguns animais, dificultando o diagnóstico precoce. A utilização de exames complementares, como otoscopia avançada e métodos de imagem, torna-se fundamental para a identificação dessas alterações (SANTOS, 2016).

A otite interna representa o estágio mais avançado da doença, envolvendo estruturas responsáveis pelo equilíbrio e pela audição. Essa condição está frequentemente associada à progressão de otites médias e caracteriza-se por sinais neurológicos mais evidentes, como inclinação da cabeça, ataxia, nistagmo e perda de equilíbrio, podendo comprometer significativamente a qualidade de vida do animal (SOUZA et al., 2020).

De maneira geral, quanto mais profunda for a estrutura acometida, maior será a gravidade do quadro clínico e mais complexo será o tratamento. Dessa forma, o reconhecimento precoce da otite externa e a instituição de um tratamento adequado são essenciais para evitar a progressão da doença para estágios mais avançados (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A classificação das otites também pode considerar a natureza do processo inflamatório, sendo descritas como infecciosas, alérgicas, parasitárias ou mistas, o que reforça a importância de uma abordagem diagnóstica completa para o correto direcionamento terapêutico (MARTINS et al., 2021).

2.3 ETIOLOGIA

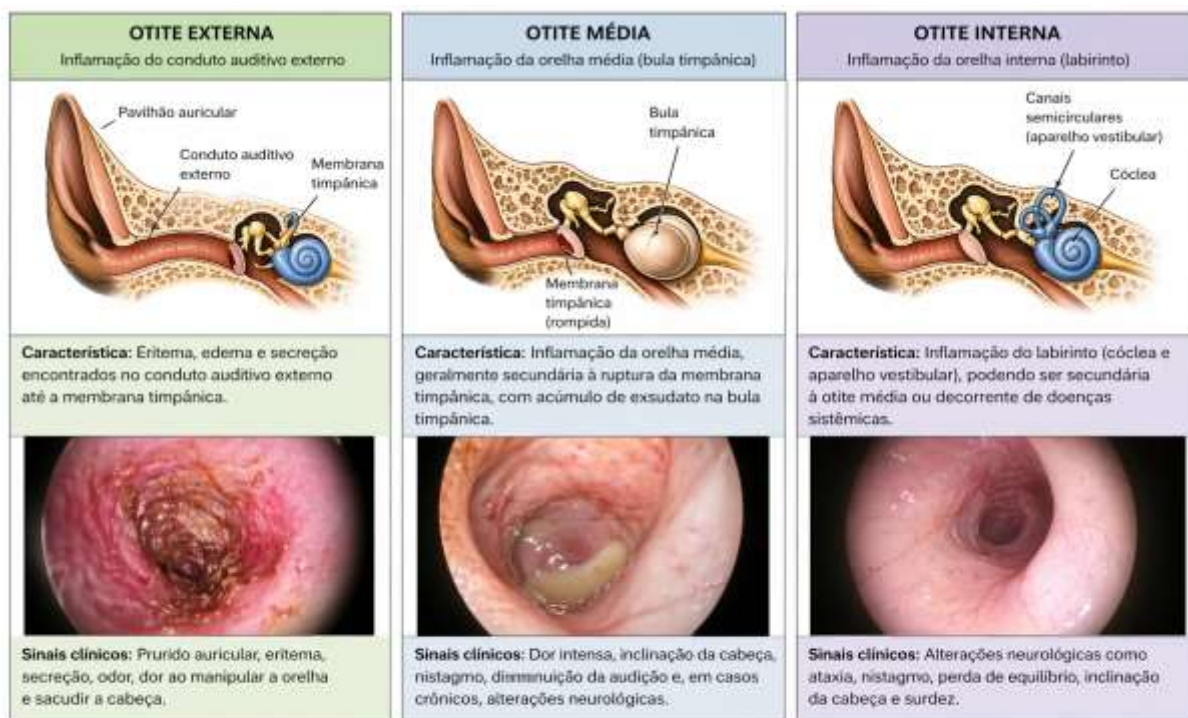


Figura – Classificação das otites em cães e gatos de acordo com a localização da inflamação.

Fonte: Adaptado de: NELSON, R. W.; COUTO, C. G. Medicina interna de pequenos animais. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2020.

A etiologia das otites é multifatorial, sendo classicamente dividida em fatores primários, secundários, predisponentes e perpetuantes. Essa abordagem é essencial para o correto manejo clínico da doença (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Entre os fatores primários, destacam-se as doenças alérgicas, como dermatite atópica, além da presença de ectoparasitas, como *Otodectes cynotis*, que é frequentemente observado em gatos. Corpos estranhos e distúrbios de queratinização também podem atuar como agentes desencadeantes (SOUZA et al., 2020).

Os fatores secundários incluem principalmente bactérias e leveduras, com destaque para *Staphylococcus spp.*, *Pseudomonas spp.* e *Malassezia spp.*, que se proliferam em ambientes alterados do canal auditivo (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Já os fatores predisponentes incluem características anatômicas, como orelhas pendulares, excesso de pelos, umidade e higiene inadequada, enquanto os fatores perpetuantes estão relacionados a alterações crônicas do canal auditivo, como hiperplasia e estenose, que dificultam a resolução do quadro (MARTINS et al., 2021).

2.4 FISIOPATOLOGIA

A fisiopatologia das otites em cães e gatos está diretamente relacionada à interação entre fatores primários, secundários e perpetuantes, resultando em alterações progressivas no microambiente do canal auditivo. Inicialmente, ocorre um processo inflamatório que promove aumento da produção de cerúmen, alteração do pH e elevação da umidade local, favorecendo a proliferação de microrganismos oportunistas (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A inflamação persistente leva à ativação das glândulas ceruminosas e sebáceas, resultando em hipersecreção e acúmulo de debris no canal auditivo. Esse ambiente favorece o crescimento de bactérias e leveduras, como *Malassezia spp.*, contribuindo para a perpetuação do processo inflamatório (SOUZA et al., 2020).

Com a progressão da doença, ocorrem alterações estruturais significativas, incluindo espessamento do epitélio, hiperplasia glandular e fibrose do canal auditivo. Essas mudanças podem levar à estenose do conduto, dificultando a ventilação e drenagem, o que favorece a cronificação da otite (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Em casos crônicos, a inflamação pode se estender para a orelha média, especialmente quando há comprometimento da membrana timpânica. Essa progressão agrava o quadro clínico e pode resultar em complicações mais severas, incluindo alterações neurológicas quando há envolvimento da orelha interna (SOUZA et al., 2020).

2.5 SINAIS CLÍNICOS

Os sinais clínicos das otites variam conforme a gravidade, duração e localização da inflamação, sendo mais evidentes nos casos de otite externa. Entre os sinais mais

frequentemente observados, destacam-se prurido intenso, meneios cefálicos, dor à manipulação da orelha, secreção auricular e odor desagradável (SOUZA et al., 2020).

Além disso, podem ser observadas alterações como eritema, edema, presença de exsudato e formação de crostas no pavilhão auricular e no canal auditivo. A intensidade desses sinais pode variar de leve a severa, dependendo da evolução do quadro e da resposta inflamatória do animal (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Em quadros crônicos, é comum observar espessamento do canal auditivo, hiperpigmentação e redução do lúmen, o que dificulta a avaliação clínica e o tratamento. Animais nessas condições frequentemente apresentam maior sensibilidade e podem demonstrar resistência à manipulação (SOUZA et al., 2020).

Nos casos em que há comprometimento da orelha média e interna, podem surgir sinais neurológicos, como inclinação da cabeça, ataxia, nistagmo e perda de equilíbrio. Esses sinais indicam maior gravidade e necessidade de intervenção imediata (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

SINAIS CLÍNICOS DAS OTITES EM CÃES E GATOS		
CLASSIFICAÇÃO	PRINCIPAIS SINAIS CLÍNICOS	IMAGENS REPRESENTATIVAS
OTITE EXTERNA (inflamação do conduto auditivo externo)	- Coceira intensa na orelha (prurido) - Sacudir a cabeça com frequência - Eritema e edema do pavilhão auricular e conduto auditivo - Secreção ceruminosa ou purulenta com odor desagradável - Dor ao manipular a orelha - Escoriações e alopecia periauricular	 Prurido e sacudir a cabeça  Secreção e eritema  Lesões e alopecia periauricular
OTITE MÉDIA (inflamação da orelha média – bula timpânica)	- Dor intensa - Inclinação da cabeça para o lado afetado - Nistagmo (movimentos oculares anormais) - Diminuição da audição - Secreção purulenta ou sanguinolenta (com possível ruptura da membrana timpânica) - Febre (em casos mais graves)	 Inclinação da cabeça  Secreção purulenta/sanguinolenta  Dor e apatia
OTITE INTERNA (inflamação da orelha interna – labirinto)	- Sinais neurológicos - Ataxia (incoordenação dos movimentos) - Nistagmo (horizontal/vertical) - Perda de equilíbrio - Inclinação da cabeça - Vômito - Síndrome de Horner (em alguns casos) - Surdez	 Ataxia e perda de equilíbrio  Nistagmo  Inclinação da cabeça

Figura – Principais sinais clínicos de otite externa, média e interna em cães e gatos.

Fonte: ADAPTADO DE: MÜLLER, G. H.; KIRK, R. W. *Dermatologia de pequenos animais*. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019; COLE, L. K.; RICHARDSON, D. W. *Medicina interna de pequenos animais*. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2020.

2.6 SEMIOLOGIA E DIAGNÓSTICO

A semiologia do sistema auditivo é essencial para o diagnóstico das afecções otológicas, sendo composta por um conjunto de procedimentos que incluem anamnese, exame físico, otoscopia e exames complementares. A abordagem sistematizada permite identificar não apenas a presença da otite, mas também os fatores envolvidos em sua etiologia (SANTOS, 2016).

A anamnese detalhada deve investigar aspectos como duração dos sinais clínicos, recorrência, tratamentos prévios, ambiente em que o animal vive e presença de doenças concomitantes, como alergias. Essas informações são fundamentais para a identificação de fatores predisponentes e perpetuantes (SANTOS, 2016).

O exame físico inclui a inspeção do pavilhão auricular e do canal auditivo, permitindo a identificação de sinais como eritema, edema, secreção e alterações estruturais. A palpação também é importante para avaliar a presença de dor e espessamento do conduto auditivo (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A otoscopia é considerada um dos principais métodos diagnósticos, possibilitando a visualização direta do canal auditivo e da membrana timpânica. Esse exame permite identificar corpos estranhos, presença de exsudato, alterações inflamatórias e possíveis rupturas timpânicas, sendo indispensável na avaliação clínica (SANTOS, 2016).

A citologia auricular é um exame de grande importância na prática veterinária, sendo considerada padrão para a avaliação microbiológica do canal auditivo. Por meio dessa técnica, é possível identificar bactérias, leveduras e células inflamatórias, auxiliando na escolha do tratamento mais adequado (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Em casos recorrentes, crônicos ou refratários ao tratamento, a realização de cultura microbiológica e teste de sensibilidade antimicrobiana é recomendada. Esses exames permitem identificar o agente etiológico e orientar a terapia de forma mais eficaz, contribuindo para o sucesso do tratamento e redução da resistência antimicrobiana (SOUZA et al., 2020).

Exames de imagem, como radiografia e tomografia computadorizada, podem ser indicados em situações específicas, especialmente quando há suspeita de comprometimento da orelha média ou interna, auxiliando na avaliação da extensão do processo inflamatório (SANTOS, 2016).

2.7 TRATAMENTO

O tratamento das otites em cães e gatos deve ser baseado na identificação e controle da causa primária, associado ao manejo adequado dos fatores secundários e perpetuantes. A abordagem terapêutica adequada é fundamental para evitar a recorrência da doença, uma vez que intervenções voltadas apenas para os agentes infecciosos tendem a promover melhora temporária, sem resolução definitiva do quadro (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A limpeza do canal auditivo constitui uma etapa essencial no tratamento, sendo responsável pela remoção de cerúmen, debris e microrganismos, além de melhorar a penetração dos fármacos tópicos. A escolha da solução de limpeza deve considerar o tipo de secreção presente e a integridade da membrana timpânica, evitando substâncias potencialmente ototóxicas em casos de suspeita de ruptura (COSTA et al., 2024).

A terapia tópica é amplamente utilizada, especialmente nos casos de otite externa, envolvendo a aplicação de medicamentos que podem incluir antibióticos, antifúngicos e anti-inflamatórios. A associação desses fármacos permite o controle simultâneo da infecção e da inflamação, promovendo melhora dos sinais clínicos (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Nos casos em que há infecção mais profunda, comprometimento da orelha média ou falha da terapia tópica, pode ser necessária a utilização de tratamento sistêmico. Antibióticos, antifúngicos e anti-inflamatórios sistêmicos são indicados conforme a gravidade do quadro e os resultados dos exames complementares (SOUZA et al., 2020).

A identificação do agente etiológico por meio de citologia e cultura microbiológica é fundamental para o direcionamento da terapia, especialmente em casos recorrentes. O uso inadequado de antimicrobianos pode contribuir para o desenvolvimento de resistência bacteriana, tornando o tratamento mais difícil e prolongado (SOUZA et al., 2020).

Além disso, o controle de doenças de base, como alergias, é indispensável para o sucesso terapêutico a longo prazo. A não identificação desses fatores pode resultar em recidivas frequentes, mesmo após tratamento aparentemente eficaz (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

2.8 TRATAMENTO CIRÚRGICO

O tratamento cirúrgico das otites em cães e gatos é indicado principalmente em casos crônicos, refratários à terapia clínica ou quando há alterações estruturais irreversíveis do canal auditivo. Essas situações geralmente estão associadas a processos inflamatórios prolongados que resultam em hiperplasia, fibrose e estenose do conduto auditivo, dificultando a resolução por meio de tratamento medicamentoso (FERREIRA et al., 2024).

Dentre os procedimentos cirúrgicos, a osteotomia de bula timpânica destaca-se como uma das principais técnicas utilizadas no tratamento de otites médias crônicas. Esse procedimento consiste na abertura da bula timpânica para remoção de exsudato, tecido inflamado e material infeccioso, permitindo a limpeza da cavidade e contribuindo para a resolução do processo inflamatório (FERREIRA et al., 2024).

Outra técnica frequentemente empregada é a ablação total do canal auditivo, indicada em casos severos de otite externa crônica, nos quais há comprometimento irreversível da estrutura do canal. Esse procedimento visa a remoção completa do tecido afetado, sendo geralmente associado à osteotomia de bula timpânica para garantir a eliminação do foco infeccioso (FERREIRA et al., 2024).

Apesar de serem procedimentos eficazes, as intervenções cirúrgicas apresentam riscos e devem ser cuidadosamente avaliadas. Complicações como lesões nervosas, especialmente do nervo facial, podem ocorrer, sendo fundamental a realização de uma avaliação pré-operatória detalhada e a escolha adequada da técnica cirúrgica (FERREIRA et al., 2024).

O prognóstico dos pacientes submetidos ao tratamento cirúrgico depende da gravidade do quadro, da presença de complicações e da correta condução do pós-operatório. Em muitos casos, quando bem indicadas, as técnicas cirúrgicas proporcionam melhora significativa da qualidade de vida dos animais, especialmente naqueles com quadros crônicos e recorrentes (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

Dessa forma, o tratamento cirúrgico deve ser considerado como uma alternativa importante nos casos em que a terapia clínica não é suficiente, sendo fundamental para a resolução de

processos inflamatórios avançados e para a prevenção de complicações mais graves (FERREIRA et al., 2024).

3 CONSIDERAÇÕES

As afecções otológicas em cães e gatos representam um dos principais desafios na clínica de pequenos animais, não apenas pela elevada frequência, mas também pela complexidade de sua etiologia e pela tendência à recorrência. A abordagem dessas enfermidades exige compreensão aprofundada dos fatores envolvidos, uma vez que a otite é resultado da interação entre elementos primários, secundários, predisponentes e perpetuantes, os quais devem ser identificados e controlados para o sucesso terapêutico (OLIVEIRA; SILVA, 2023).

A análise dos aspectos fisiopatológicos evidencia que a progressão da doença está diretamente relacionada à manutenção do processo inflamatório e às alterações estruturais do canal auditivo, como hiperplasia e estenose, que dificultam a resolução clínica. Nesse sentido, a intervenção precoce torna-se essencial para evitar a cronificação do quadro e o comprometimento de estruturas mais profundas, como a orelha média e interna (SOUZA et al., 2020).

A semiologia do sistema auditivo destaca-se como ferramenta indispensável na prática clínica, permitindo a identificação dos sinais clínicos, avaliação da gravidade do quadro e direcionamento dos exames complementares. A associação entre anamnese detalhada, exame físico criterioso, otoscopia e citologia auricular possibilita um diagnóstico mais preciso e fundamentado (SANTOS, 2016).

No que se refere ao tratamento, observa-se que a abordagem deve ser individualizada e baseada na identificação da causa primária, associada ao controle dos agentes secundários. A utilização inadequada de terapias, especialmente de antimicrobianos, pode contribuir para o desenvolvimento de resistência, reforçando a importância de exames como cultura e antibiograma em casos recorrentes (SOUZA et al., 2020).

Além disso, a indicação de procedimentos cirúrgicos em casos crônicos e refratários evidencia a necessidade de uma abordagem ampla e integrada, considerando tanto os aspectos clínicos quanto estruturais da doença. Dessa forma, o manejo das otites exige não apenas conhecimento técnico, mas também uma avaliação criteriosa de cada caso clínico.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As doenças otológicas em cães e gatos apresentam elevada relevância na medicina veterinária, sendo frequentemente observadas na rotina clínica e impactando diretamente o bem-estar dos animais. A compreensão da natureza multifatorial das otites é essencial para o estabelecimento de um diagnóstico preciso e para a adoção de estratégias terapêuticas eficazes.

A associação entre conhecimento anatômico, entendimento dos mecanismos fisiopatológicos, identificação dos sinais clínicos e utilização adequada dos métodos

diagnósticos constitui a base para o manejo adequado dessas afecções. Nesse contexto, a semiologia assume papel central, permitindo a condução sistematizada do atendimento clínico.

O tratamento das otites deve ser direcionado não apenas ao controle dos sinais clínicos, mas principalmente à eliminação da causa primária e à prevenção de fatores perpetuantes, a fim de evitar recidivas. Em casos mais graves, a intervenção cirúrgica pode ser necessária, destacando a importância do diagnóstico precoce e da conduta terapêutica adequada.

Dessa forma, ressalta-se a importância do aprimoramento contínuo dos conhecimentos em otologia veterinária, bem como da aplicação de práticas clínicas baseadas em evidências, visando à melhoria da qualidade do atendimento e à promoção da saúde e bem-estar dos animais.

REFERÊNCIAS

- COSTA, P. H. et al. Manejo terapêutico da otite externa em cães. *New Science Publications*, 2024. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/LEV/article/view/12060>. Acesso em: 18 abr. 2026.
- FERREIRA, A. L. et al. Osteotomia de bula timpânica no tratamento da otite média em cães. *Ciência Animal*, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/cienciaanimal/article/view/14223>. Acesso em: 18 abr. 2026.
- MARTINS, D. S. et al. Ocorrência de otite externa em cães e gatos. *Revista Multidisciplinar em Saúde*, 2021. Disponível em: <https://www.editoraime.com.br/revistas/index.php/remis/article/view/1893>. Acesso em: 18 abr. 2026.
- OLIVEIRA, M. R.; SILVA, J. P. Otite em cães e gatos: revisão de literatura. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Ensino Superior, Brasil. Disponível em: <https://repositorio.feituverava.com.br/items/9039e293-febb-44fd-9f0f-41f694c5f7d1>. Acesso em: 18 abr. 2026.
- SANTOS, R. F. Semiologia do canal auditivo em cães e gatos. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/156569>. Acesso em: 18 abr. 2026.
- SOUZA, L. A. et al. Estudo retrospectivo das otites em cães e gatos. *Ars Veterinaria*, 2020. Disponível em: <https://www.arsveterinaria.org.br/index.php/ars/article/view/1316>. Acesso em: 18 abr. 2026.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA. Otite em cães e gatos: estudo retrospectivo. 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/32371>. Acesso em: 18 abr. 2026.
- HARVEY, R. G.; HAAR, G. T. The ear. Ear, nose and throat diseases of the dog and cat. Boca Raton, Flórida: CRC Press, 2017.